

# A INSERÇÃO DO FEMININO NO UNIVERSO MASCULINO: REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Luciana Cramer\*  
Alcielis de Paula Neto\*\*  
Áurea Lucia Silva\*\*\*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho consistiu em desvendar as representações das relações de gênero socialmente construídas no espaço organizacional de uma universidade pública especializada em ciências agrárias. Para tanto, tomou-se como referência a teoria das representações sociais e as contribuições pós-estruturalistas sobre relações de gênero. Por meio de uma perspectiva metodológica qualitativa, obteve-se acesso, mediante a análise dos discursos das professoras e professores entrevistados, à construção ou desconstrução das relações vigentes no contexto histórico – social – cultural e psicológico. Essas relações foram distribuídas em categorias como: a relação família-trabalho; a profissionalização como marco de referência na diferenciação de gênero; gênero e magistério superior; e relações de gênero, desempenho no trabalho e ascensão na carreira, possibilitando inferir que nessas instâncias ainda existem assimetrias, apesar do discurso de igualdade promulgado pelos sujeitos organizacionais.

## ABSTRACT

The objective of this work consisted in discovering the representations of the gender relations socially built in the organizational space of a public university specialized in rural sciences. Thus, the social representations theory and the "post-structuralist" contributions about gender relations were taken as references. Through a qualitative methodological perspective, it was accessed, by the analyses of the declarations of teachers who were interviewed, the building or destructions of the current relations in a historical context-social-cultural and psychological. Those relations were distributed in categories as: the relation family-work; the professionalization as a benchmark in the distinction of the gender, gender and higher learning; and gender relations, performance at work and career success, making it possible to infer that in those instances some differences stand still, despite the common idea of equality used by organizational subjects.

\* Psicóloga, Mestre em Administração pela UFLA.

\*\* Administrador, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFLA.

\*\*\* Administradora, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFLA

## INTRODUÇÃO

A análise da literatura que discute a questão do mercado de trabalho aponta o aumento nas taxas de participação feminina em diversas áreas desde o final da década de 1960. Na perspectiva histórica, percebe-se que a mulher vem ocupando cada vez mais espaços que tradicionalmente eram reservados aos homens. No entanto, a ocupação da mão-de-obra feminina possui peculiaridades e concentra-se geralmente em alguns setores específicos da economia como serviços pessoais, administração pública, serviços de saúde e ensino privados em geral e serviços comunitários.

Especificamente, neste *paper*, a análise da inserção da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho será realizada na área educacional. Na educação, a participação da mulher é muito acentuada no ensino fundamental, no qual ocorre uma identificação com o processo de aprendizagem e o afeto, ou seja, há uma correlação entre o "ensinar" e o "ofício de ser mãe".

No ensino superior, observa-se que o "ato de ensinar" está ligado à "identificação profissional". Neste caso, os docentes são, em sua maioria, produtores de identidades para os alunos. O processo de identificação entre docente e discentes é estabelecido segundo o critério de opção de curso e/ou profissão. Como a escolha da profissão era fortemente ligada ao gênero, a identificação profissional também o era e isto explica, em parte, a presença maior ou menor de docentes masculinos ou femininos em determinadas áreas do conhecimento.

As recentes mudanças em relação à escolha profissional com uma distinção de gênero menos acentuada provocaram uma alteração na relação entre docentes e discentes masculinos e femininos em vários cursos de graduação. Dito de outra forma, a inserção de mulheres em profissões consideradas masculinas e a inserção de homens em profissões femininas provocaram uma mudança no processo de identificação e permitiram o desenho de um novo cenário no qual pode-se perceber que, atualmente, há a presença de docentes masculino e feminino em muitas áreas que antes eram restritas a um só gênero e isto permitiu a mudança no processo de identificação docente/discente.

Partindo desta constatação, realizou-se um estudo empírico em uma instituição de ensino superior que oferece cursos em ciências agrárias, que tinham (até pouco tempo atrás) uma forte identificação com o gênero masculino. A pertinência deste estudo se dá pelo aumento da presença de alunas nos cursos de graduação e de docentes femininas na universidade, ou seja, a percepção da inserção do feminino no universo masculino. Partindo do pressuposto que o ambiente de trabalho é o *locus* de construções de representações sociais que engendram as relações de gênero, o estudo em questão busca desvendar as representações das relações de gênero socialmente construídas no espaço organizacional da Universidade Federal de Lavras.

Considerando que a discussão das relações de gênero no espaço organizacional não pode ater-se apenas no reforço da condição inferior da mulher, mas deve transcender para debates que promovam ações capazes de coibir práticas de exclusão das mulheres na atividade produtiva, buscou-se respaldar esta pesquisa em teorias capazes de superar a visão simplificada sobre características biológicas das relações sociais. Assim, o trabalho é pautado na contribuição pós-estruturalista que coloca o gênero como um conceito compartilhado pela coletividade, trazendo à tona a necessidade de trabalhar o universo simbólico das organizações. E, ao trabalhar o universo simbólico a abordagem pós-estruturalista possibilita uma convergência com a teoria das representações sociais e com o conceito de cultura. A cultura da organização em estudo permeará toda a discussão e análise dos resultados, pois envolve os significados compartilhados que instrumentalizam o poder dentro do ambiente organizacional.

Este trabalho está dividido em cinco tópicos. No primeiro, delimitou-se a temática e a pertinência do estudo. No segundo, apresentaram-se as reflexões

teóricas que respaldaram a pesquisa, buscando uma articulação entre a abordagem pós-estruturalista, representações sociais e cultura organizacional. No terceiro tópico, apresentou-se a trajetória metodológica da pesquisa. No quarto tópico, discutiu-se os resultados da análise empírica obtidos à luz da abordagem teórico-metodológica. Finalmente, no quinto, apresentaram-se as considerações obtidas e, *quicá*, as contribuições para novas pesquisas e para o debate sobre o objeto de estudo.

## **CULTURA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS ORGANIZAÇÕES: NOTAS TEÓRICAS**

No presente tópico apresenta-se a opção teórica buscando uma articulação que dê suporte para a discussão da compreensão das representações sociais das relações de gênero no espaço organizacional investigado.

### **CULTURA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

As organizações são objetos de análise empírica porque representam a realidade da sociedade na qual estão inseridas. As organizações são vistas como locais de ação social e podem representar o ambiente de parcela do tecido social (Reed, 1998). Esta representação é percebida na cultura organizacional que, para Geertz citado por Strati (1998), é um sistema de símbolos e significados compartilhados. Fleury (1996) avança este conceito ao associar cultura e poder, ou seja, ao apontar que os elementos simbólicos possuem a capacidade de gerar consenso e instrumentalizar as relações de dominação no espaço organizacional.

Assim, ao interpretar e buscar entender a ação simbólica nas organizações, é possível trazer à tona as imagens, símbolos, sistemas de valores e referências compartilhadas dentro da organização. É a linguagem que permite perceber o universo simbólico organizacional, assim por meio da análise dos discursos poder-se-á compreender as representações sociais engendradas no ambiente estudado (Minayo, 1995). Farr (1995) aponta que a linguagem é social e que esta é, provavelmente, quase que a única importante fonte de representações coletivas e Orlandi (1996) complementa a visão de que a linguagem ajuda a acionar as representações sociais ao apontar que o sujeito se apropria da linguagem num movimento social e não individual. Portanto, a linguagem constitui um objeto de estudo privilegiado, e sua exploração no contexto organizacional deve permitir que se desvendem as condutas, as ações, os sentimentos e as decisões.

Como a cultura organizacional permite conhecer os pressupostos simbólicos e as relações de poder que compõem uma organização, conseqüentemente permitirá a leitura de fatores ligados às relações de gênero. Assim, poder-se-á compreender o processo de (re)construção das representações sociais.

Como as representações sociais são fenômenos psicossociais, estas estão presentes no ambiente organizacional e nos processos por meio dos quais o ser humano desenvolve uma identidade e cria símbolos que dão significado à cultura existente. As representações sociais são utilizadas como categorias de pensamentos que expressam, justificam, explicam e questionam a cultura organizacional. Na realidade, as representações sociais permitem compreender os mecanismos de construção das relações sociais.

A construção das representações sociais se dá em três níveis ou tempos distintos: o tempo curto, no qual se dão as interações sociais face-a-face em que os interlocutores se comunicam diretamente; o tempo vivido, que corresponde ao processo de socialização, às experiências do sujeito no curso da sua história pessoal

em relação à cultura da qual faz parte, como também os grupos sociais aos quais pertence e o tempo longo através do domínio do imaginário social, que remete à história da sociedade, que antecede a vivência do sujeito, mas se faz nela presente através das instituições, modelos, enfim, representações sociais. (Spink, 1995)

Analisando os textos fundadores da teoria das representações sociais, podemos encontrar algumas tentativas de caracterização do conceito. Assim, Jodelet (1989) as define como "... uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático e servindo à construção de uma realidade comum a um conjunto social".

A representação social funciona como um sistema de interpretação da realidade que regula as relações dos indivíduos com seu meio ambiente físico e social; ela vai orientar seus comportamentos e suas práticas. Isto porque as representações sociais possuem funções específicas no ambiente em que são produzidas e reproduzidas constantemente. Elas podem ter a função de (a) **saber** – em que as representações sociais permitem compreender e explicar a realidade; a função (b) **identitária** – em que as representações têm também por função situar os indivíduos e os grupos no campo social; a função (c) **de orientação** – em que orientam os comportamentos e as práticas por meio da definição da finalidade da situação, de um sistema de antecipação das expectativas e de uma prescrição do comportamento; e a função (d) **justificadora** – que permitem justificar a *posteriori* as tomadas de posição e os comportamentos. Considerando as funções das representações sociais é possível compreender o funcionamento das ações dos atores sociais e da forma que usam para explicar e justificar suas condutas numa situação ou em relação a seus parceiros. (Abric, 1994)

Todos os discursos sociais produzem representações sociais e, algumas delas terminam por adquirir a autoridade do óbvio e do senso comum. Algumas dessas representações sociais são tão fortes que seu *status* de representação acaba sendo suprimido (Louro, 2000a). Contudo, é óbvio que as representações sociais não determinam inteiramente as decisões tomadas pelo indivíduo, mas elas limitam e orientam o universo de possibilidades colocadas à sua disposição. O indivíduo é um agente de mudança na sociedade e também produto desta sociedade, por isso ele pode ser a forma de conhecermos a realidade, por meio de suas representações sociais, que podem explicar, justificar ou questionar a realidade social.

Tomando a cultura como suporte para compreender as representações sociais que serão acionadas pelos discursos dos membros da organização, percebe-se a necessidade de complementar este arcabouço teórico com a inserção da contribuição pós-estruturalista da abordagem de gênero, que busca trabalhar este conceito associando-o ao universo simbólico. Assim, ao nosso ver, é possível compreender os mecanismos que estabelecem e são estabelecidos no processo de construção das relações entre homens e mulheres dentro do ambiente organizacional. Discute-se abaixo o avanço da abordagem pós-estruturalista para a discussão das questões que envolvem gênero nas organizações.

## RELAÇÕES DE GÊNERO NAS ORGANIZAÇÕES

A abordagem pós-estruturalista busca em Derrida e Foucault as bases para sua construção teórica e propõe, respectivamente, a desconstrução da polaridade entre masculino e feminino e a reconceitualização de poder. Ao propor a desconstrução, a abordagem pós-estruturalista aciona que os atributos e/ou características femininas e masculinas são histórica, social e linguisticamente construídas (Louro, 2000a). Dito de outra forma, para os pós-estruturalistas não é o sexo o fator desencadeante das diferenças; o que desencadeia as diferenças é o significado socialmente construído de ser homem e de ser mulher, ou como homens e mulheres são 'generificados' (Medrado, 1996). A reconceitualização do poder aponta que este é exercido no processo de construção e reconstrução das relações sociais ou relações de gênero (Meyer, 2000; Louro, 2000b; Cálais e Smircich, 1999).

Nesta perspectiva, gênero passa a ser concebido como uma posição relacional, contextual/situacional e histórica, demonstrando que a diferenciação sexual é resultado de uma construção social, cultural e histórica. Com isso, gênero constitui-se em práticas discursivas construídas na subjetividade dos sujeitos em relação com outro e com seus semelhantes. As mulheres e os homens são definidos em termos recíprocos e é impossível compreender as problemáticas que envolve um dos atores sociais por meio de um estudo totalmente separado, ou seja, o estudo de um envolve, necessariamente, o outro (Scott, 1995). O gênero possui também uma dimensão contextual, ou seja, é definido em termos da localização espacial e varia conforme a cultura em que se expressa (Medrado 1996). O gênero é considerado como uma categoria histórica, pois coexiste com um conjunto de categorias que se inter-relacionam e dão um sentido particular aos papéis que masculino e feminino incorporam ao longo do tempo (Medrado 1996; Scott, 1995).

O conceito de gênero apareceu como uma tentativa de compreender as relações entre os sexos, apoiando-se na idéia de que existem machos e fêmeas na espécie humana e que a qualidade de ser homem e ser mulher é definida em termos da relação entre ambos, como também do contexto sociohistórico mais amplo em que eles interagem.

A distinção entre sexo e gênero tem como objetivo principal "... diferenciar conceitualmente as características sexuais, limitações e capacidades que as mesmas implicam, e as características sociais, psíquicas, históricas das pessoas, para aquelas sociedades ou aqueles momentos da história de uma dada sociedade, em que os padrões de identidade, os modelos, as posições, e os estereótipos do que é/deve ser uma pessoa, respondem a uma bipolaridade em função do sexo a que pertença". (Izquierdo, 1994)

Portanto, a idéia da distinção entre sexo e gênero é colocada de forma que sexo refere-se ao aspecto biológico relacionado à esfera reprodutiva, ao passo que gênero, aos significados socialmente construídos. O gênero se torna, como, aliás, nos lembra Scott (1988), uma maneira de indicar as 'construções sociais': a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado."

Para Louro (2000b), gênero se caracteriza como uma construção social feita sobre as diferenças sociais. Trata-se, portanto, do modo como essas diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num grupo, em um contexto determinado por um processo histórico.

Dessa forma, o conceito de gênero está interligado à produção de identidades de homens e mulheres no interior de uma sociedade que, além de constituírem e instituírem esses sujeitos, também produzem e organizam as instituições sociais. As relações de gênero são consideradas como categorias analíticas no pensamento científico e no exame das relações sociais. A escola, nesse caso, segundo Louro (2000b), pode ser vista como um espaço social generificado, ou seja, atravessado pelas relações de gênero.

No momento em que as mulheres começaram a inserir-se no mercado de trabalho, as questões que envolvem as relações de trabalho entre a mão-de-obra masculina e feminina começaram a emergir. A maioria dos discursos nas organizações sempre pregou igualdade de condições e oportunidades para o sexo feminino e masculino no ambiente organizacional, entretanto, ainda existe uma clara evidência com relação à desigualdade da participação da mulher no mercado de trabalho. Seja quanto aos níveis salariais, possibilidade de crescimento na carreira ou oportunidades de exercer determinadas funções, o trabalho da mulher ainda sofre limitações. Assim, cada vez mais, surgem estudos sobre a perspectiva de gênero a fim de contribuir para a identificação dessas assimetrias e quem sabe transformá-las.

Percebendo que as relações de gênero não são uma imposição, mas parte de um processo dinâmico da realidade social, assume-se que a cultura é a base para a percepção de como as representações sociais são construídas e usadas

para reforçar e instrumentalizar o poder dentro das organizações. Exposto a base teórica, no item posterior aponta-se os procedimentos metodológicos que conduziram esta pesquisa.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A questão da pesquisa foi trabalhada numa perspectiva qualitativa a fim de interpretar a teia de significados das relações entre homens e mulheres em uma instituição de ensino superior. Esta investigação proporcionou condições para aumentar a experiência em torno do problema estudado, assinalando as características de uma pesquisa exploratória, como apontadas por Triviños (1992). Como o objeto das ciências sociais é histórico, este trabalho procurou desvendar as representações das relações de gênero considerando um momento histórico específico, de forma parcial e limitada.

A pesquisa exploratória foi conduzida em uma perspectiva qualitativa dado a especificidade do objeto de estudo. Dado a característica exploratória do estudo, os resultados obtidos apontam prioridades para futuras pesquisas (Triviños, 1992). A pesquisa foi composta por amostra intencional, que é capaz de conduzir a melhores resultados quando se trabalha com aspectos microssociais da realidade organizacional (Mattar, 1993; Weiers, 1986). Assim, optou-se por solicitar ao entrevistado a indicação de um professor e/ou professora de suas relações que pudesse dar uma contribuição para o trabalho. Esse procedimento foi adotado na realização de oito entrevistas não-estruturadas, sendo quatro delas com professores (H1, H2, H3 e H4) e quatro com professoras (M1, M2, M3 e M4).

A técnica utilizada para a interpretação das representações sociais elaboradas em torno das relações de gênero no espaço organizacional estudado foi a análise de discurso (Orlandi, 1996, Sitya, 1995), pois a linguagem é uma forma de acionar representações sociais. Nesse tipo de análise, busca-se interpretar o sentido da linguagem e o significado que sua expressão carrega, ou seja, busca-se interpretar o sentido das instruções para explicar as intenções que afloram nos enunciados elaborados pelos entrevistados em torno das relações de gênero socialmente construídas dentro da organização. Nesse processo, imprimiu-se um esforço analítico na tentativa de interpretar as condições socioculturais de produção e de reprodução dos discursos dos entrevistados (Orlandi, 1996).

A análise dos resultados foi pautada nos trabalhos de Spink (1995) que defende a análise do discurso como uma das formas de se ter acesso às representações sociais. Para a autora, esse procedimento analítico envolve alguns passos que foram empregados neste trabalho: a) transcrição das entrevistas gravadas; b) leitura flutuante do material a fim de perceber a natureza da construção e da funcionalidade das representações sociais, incluindo aí, o mapeamento dos temas emergentes; c) retorno ao objetivo da pesquisa com o intuito de definir claramente o objeto da representação. Para isso, inicialmente, mapeou-se o discurso com base nas dimensões internas da representação. E, posteriormente, mapeou-se o discurso elaborado por professores e professoras entrevistados. O mapeamento dos discursos foi a base para a construção das categorias de análise das representações sociais das relações de gênero.

Esses procedimentos metodológicos permitiram a organização das representações em categorias de tal modo a explicar, mesmo que de forma exploratória, toda a subjetividade incorporada nas relações de gênero articuladas na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

A UFLA está situada na região Sul de Minas Gerais e atualmente conta com 372 docentes, dos quais 109 são mulheres e 263 homens. Parte-se do pressuposto que esta diferença pode ser respaldada pelo histórico da instituição, já que a mesma só contava com cursos que eram "profissões masculinas" até tempos atrás. Porém, nota-se uma mudança em relação à composição de docentes nos últimos anos. A abertura de concursos para preenchimento de novas vagas tem

tido participação acentuada de mulheres e o ingresso de um número bastante significativo de professoras corrobora para a percepção de que essas profissões também estão sendo ocupadas por mulheres. Outro fator que reforça esta percepção é o aumento do número de alunas nos cursos de ciências agrárias dentro da instituição analisada.

Posteriormente, busca-se discutir os resultados obtidos para compreender como a inserção da mulher na UFLA está transformando a realidade social e como sua participação no processo de construção do saber institucional é percebido pelos colegas de trabalho (homens e mulheres).

## **REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO ORGANIZACIONAL UNIVERSITÁRIO**

A análise dos discursos apontou representações sociais sobre as relações de gênero na organização estudada. Com o intuito de facilitar as análises, agruparam-se as representações sociais compartilhadas pelos respondentes em grupos comuns como família, profissionalização, profissão de docência, desempenho e ascensão na carreira de docente. Em cada um destes grupos discute-se as representações sociais dos docentes (professores e professoras) entrevistados, que foram base para a construção das categorias de análise e apontam como os elementos organizacionais marcam as assimetrias de gênero no espaço organizacional estudado.

Para facilitar a discussão dos resultados, a análise foi dividida em quatro partes segundo as categorias construídas. Na primeira parte, analisou-se a relação família-trabalho para perceber como são construídas as representações sociais a respeito da dupla jornada desempenhada pela mulher e como este processo é trabalhado no espaço organizacional. Posteriormente, analisou-se como a profissionalização pode transformar-se em uma referência nas diferenciações de gênero. Na terceira parte, discutiu-se a profissão de docente no magistério superior e, especificamente, a "recente" inserção da mulher na organização estudada. Na quarta parte, a análise foi focada no processo de desempenho e ascensão na carreira, ou seja, como são as representações sociais do aproveitamento da capacidade feminina na organização e como os homens e mulheres acessam as representações sociais a respeito da ascensão profissional das mulheres. Nesta parte, buscou-se perceber o processo "informal" e as distinções no que se refere às oportunidades para homens e mulheres.

### **A RELAÇÃO FAMÍLIA–TRABALHO**

A família é uma instituição calcada em uma estrutura que leva em consideração as relações de gênero, de modo que as funções entre seus componentes possuem características que são normatizadas, na maioria das vezes, em conceitos sociais e segundo o gênero. Esses conceitos foram construídos através dos tempos e revelam as representações sociais acerca do papel de cada um dentro do lar. A mulher sendo vista como a "rainha do lar", tinha o dever de cuidar da casa e dos filhos, enquanto que o homem, como "chefe da casa", tinha o encargo de prover seu sustento.

Porém, as mudanças ocorridas em nossa sociedade, especialmente a entrada da mulher no mercado de trabalho, provocaram alterações nos papéis de cada membro familiar. As tarefas começaram a se misturar entre os cônjuges, e muitas vezes pode-se perceber até a inversão desses papéis. Mas vários estudos sobre estas mudanças apontam que, na maioria dos casos, o que ocorre é um aumento de jornada de trabalho para a mulher. A mulher acaba por assumir uma dupla

jornada de trabalho, pois além do cuidar da casa (filhos, tarefas do lar), também entrou no mercado de trabalho, tendo que assumir os mesmos horários, tarefas e compromissos que seu colega do sexo masculino.

No caso específico da pesquisa realizada na universidade, percebeu-se que tanto as mulheres quanto os homens, referiram-se à dificuldade que a mulher encontra para conciliar a família e o trabalho. Quando a análise centra-se na mulher, percebe-se que as representações sociais a respeito da dupla jornada são comuns, ou seja, a coletividade (homens e mulheres) apontam que há uma concorrência entre família e trabalho, no caso da mulher. Apesar de perceber uma mudança em relação aos papéis de cada um, ainda há a percepção que a responsabilidade maior pelos cuidados que envolvem a casa e os filhos cabe à mulher.

Os entrevistados relataram a competição existente para mulher entre a dedicação à família e ao trabalho: "... a tripla jornada prejudica, se chega em casa e tem mais... é difícil conciliar casa, filhos e marido e o trabalho..." (M2); "... não é fácil conciliar, tem que se ter muita força de vontade e certeza do que se quer..." (M3); "... é complicado para a mulher, pois as tarefas de casa requerem tempo demais..." (H4).

A análise de uma entrevista realizada com uma professora solteira revelou que ela própria considera que o fato de "ser solteira" facilita sua dedicação ao trabalho, pois não tem responsabilidades com mais ninguém a não ser com ela própria. Isto reforça que tanto homens quanto mulheres vêem a família como uma carga a mais para o gênero feminino que exerce uma profissão. Isto demonstra que mesmo com a busca por igualdade de condições, a mulher continua sendo mais exigida em relação a assumir seu "antigo" papel de "rainha do lar".

Em relação à família, a maternidade também entrou em pauta e mulheres e homens possuem representações sociais sobre a relação trabalho e maternidade. Houve duas representações sociais que ficaram bem evidentes: a culpa e discriminação.

A análise dos discursos das mulheres demonstrou que todas que são mães sentem culpa por deixarem os filhos ainda pequenos. Uma professora relatou que: "... é complicado, já me senti muito culpada por ter deixado minha filha em função do estudo e trabalho..." (M4). A culpa por não assumir a maternidade como um todo é respaldada nos "pré-conceitos" que definem que a mulher deve estar disponível para o filho em tempo integral. Estes padrões de comportamento ainda são uma constante na representação social entre as mulheres, demonstrando que elas próprias consideram que essa dedicação é tarefa feminina, portanto, a culpa pela falta de assistência aos filhos é integral delas.

A outra representação social acionada na análise dos discursos é a discriminação. Esta representação social foi percebida tanto no discurso feminino quanto no discurso masculino. Neste caso, as mulheres grávidas são vistas como "problema" especialmente pelo exercício do direito de licença à maternidade. Uma docente relatou que: "... na minha gravidez, meu chefe disse: - estou com problemas, ela esta grávida..." (M1); nesse discurso percebemos o quanto ainda é discriminatório o fato de a mulher engravidar e ter que se afastar temporariamente do trabalho, em função dos primeiros cuidados com o filho. Percebemos que os professores do sexo masculino tiveram uma dupla mensagem nessa questão, pois ao mesmo tempo em que diziam "... não vejo problema algum de a mulher engravidar durante o tempo em que está na ativa, pois a licença é pequena...", também relatavam que: "... a dificuldade da mulher é a de ficar muito tempo em função da família e por isso, não terem tempo para dedicar-se tanto ao trabalho..." (H1).

Apesar da duplicidade e contradições no discurso, percebeu-se que a discriminação em relação à gravidez envolve o exercício do direito à licença, no curto prazo. E, a longo prazo, o ato de ser mãe pode provocar uma dificuldade de dedicação ao trabalho em função da família. Percebe-se que apesar da participação maior do homem no dia-a-dia da família, ainda cabe à mulher a maior responsabilidade em relação a esta, sendo uma representação comum para homens e mulheres.

A categoria de análise família/trabalho permitiu perceber que tanto mulheres quanto homens constroem representações sociais a respeito desta relação e ambos acreditam que o ato da mulher desenvolver uma atividade profissional con-

corre com o ato de ser mãe. Na próxima categoria, buscou-se aprofundar a discussão colocando a profissionalização como fio condutor da análise.

## **A PROFISSIONALIZAÇÃO COMO MARCO DE REFERÊNCIA NAS DIFERENCIAÇÕES DE GÊNERO**

A globalização, o aumento da competitividade no mercado de trabalho e a forte concorrência para garantir um espaço no ambiente organizacional exigem da mão-de-obra uma especialização constante. A universidade não foge a essa regra, pelo contrário, as universidades podem ser consideradas como locais nos quais as exigências são maiores em função da necessidade constante de especialização dos docentes como mestrado e doutorado. Além das universidades exigirem um grau de especialização maior, ainda é necessário que o corpo docente esteja sempre desenvolvendo projetos de pesquisa, participando de congressos, seminários e outras atividades de cunho educacional, para que possa manter-se informado e com capacidade suficiente para exercer sua profissão.

Todas essas atividades, para serem realizadas de forma satisfatória, requerem tempo, disponibilidade e dedicação, pois sem esses meios é impossível se chegar ao final de uma boa formação, e, por conseguinte, de uma boa atuação profissional. Neste sentido, a profissionalização e o aprimoramento desta pode ser considerado como uma referência para a discussão das relações de gênero no espaço organizacional.

Na análise dos discursos dos entrevistados, notou-se uma distinção entre os gêneros quando a relação entre ambos envolve a formação do profissional. Percebeu-se pela análise das entrevistas que as mulheres encontram mais obstáculos para se profissionalizarem do que os homens, algumas falas podem elucidar essa percepção:... *"para a mulher fica mais difícil a profissionalização, em função da dupla jornada..."* (H1); *"...é difícil conseguir fazer o que precisamos quando somos mulheres, temos que abdicar em prol de filhos e marido..."*(M1); *"...os homens têm mais facilidade para se profissionalizarem, pois batem a porta e saem e ainda somos nós que arrumamos sua mala..."* (M2).

Nos discursos acima, a representação social implícita demonstra que para os atores desta organização, as mulheres não possuem muitas possibilidades de profissionalização, pois isso exige abdicar de um tempo do convívio e cuidado da família, tarefas socialmente delegadas às mulheres. E o discurso é assumido por homens e mulheres, que acabam por reforçar as dificuldades inerentes às mudanças.

Dessa forma, os homens conseguem profissionalizar-se mais facilmente, como coloca uma entrevistada: *"... para nós mulheres é mais difícil, pois temos que abdicar da família e isso é complicado..."* (M4). Essa observação denota que para o homem não é complicado, pois não é sua função dedicar-se à família no sentido de cuidados diários com a casa e filhos. Percebeu-se que, apesar das mudanças recentes nas relações e padrões sociais estabelecidos entre homens e mulheres, o homem ainda carrega a representação social de que cabe a ele ser o provedor da família. Com isso, as oportunidades de profissionalização têm que ser preferencialmente para ele e, em contrapartida, os cuidados diários com a família e o lar continuam por ser exclusivos da mulher. A aceitação coletiva desta representação social pode ser analisada como o fenômeno do teto de vidro, ou seja, as barreiras para as oportunidades de profissionalização são tão sutis, que os discursos assumidos por homens e mulheres encobrem a realidade, o que dificulta o processo de mudança do *status quo*.

As conclusões obtidas nesta categoria reforçam as percepções da categoria família/trabalho e apontam que a mudança necessária para a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres ainda está em curso. Para trabalhar melhor o objeto de estudo, analisa-se, no item seguinte, a questão do gênero e sua relação com o magistério superior.

## GÊNERO E MAGISTÉRIO SUPERIOR

A escolha profissional está em grande debate nos últimos tempos, eger qual carreira seguir é uma tarefa que está presente no pensamento de quase todo adolescente. Até algum tempo atrás havia uma grande distinção entre profissões em relação ao gênero, algumas eram de exclusividade dos homens, outras eram caracterizadas por serem profissões femininas. O aumento da participação feminina no mercado de trabalho e sua inserção em profissões tidas como masculinas provocou uma mudança na relação entre profissão e gênero e, atualmente, percebe-se que há menor distinção entre gênero e escolha profissional.

Apesar da flexibilização entre a relação gênero/profissão ainda é possível encontrar profissões que a participação da mulher é incipiente. As barreiras existentes em determinadas profissões podem ser pela condição física ou pelas características diferenciadas em relação ao modo de pensar e fazer. Percebe-se que homens e mulheres são diferentes, porém não desiguais. Isso não significa que as mulheres não possam realizar as mesmas atividades que os homens, e sim que as fazem de forma distinta.

Por meio da análise dos discursos percebeu-se que a representação social que existe em torno das profissões em relação ao gênero é bastante caracterizada na unidade de pesquisa, em função da história da mesma conforme relatado anteriormente. Por ter um histórico de formação na área agrícola e com profissões que raramente eram ocupadas por mulheres, a instituição analisada é formada, em sua maioria, por docentes do sexo masculino. A entrada de mulheres na docência se deu a partir da década de 90 e as mulheres ainda estão abrindo espaço no ambiente organizacional, tentando marcar sua presença como profissionais capazes. Neste processo os entrevistados relatam as representações construídas: "... a mulher para ocupar a mesma posição do homem tem que trabalhar o dobro, para nós mulheres é mais difícil..." (M1); "... as mulheres ainda são vistas como enfeites dentro de seu trabalho..." (M2); "... a comunidade é ainda um pouco machista em relação às tarefas especificamente masculinas, assim na hora de ensinar ou de fazer algumas coisas a mulher não faz, como, por exemplo, carregar peso" (H1).

Em alguns relatos há mensagens contraditórias como se observou neste discurso: "... aqui no departamento não há essa diferenciação, ela existe é pelo esforço que temos que fazer a mais para sobressair..." (M4). Nesse caso aparece uma dúvida mensagem, ao mesmo tempo em que a professora relata que não existe diferença entre os gêneros, também coloca que as mulheres necessitam esforçar-se mais para poderem ocupar seu espaço. Infere-se mediante esse discurso que a representação que existe é que as mulheres devem sofrer para conseguir ocupar um espaço que na verdade não era seu, por isso que o sofrimento é necessário, pois elas estão se apoderando e tirando o lugar de quem o tem de direito.

A observação das relações de gênero na unidade analisada revelou que a representação social da relação gênero e magistério está fortemente ligada ao processo de abertura e conquista de espaço pelas mulheres e como este processo está no princípio, tanto homens quanto mulheres enfrentam dificuldades para lidar com o novo arranjo organizacional. A categoria analisada no próximo item - relações de gênero, desempenho no trabalho e ascensão na carreira - permitiu novas observações e uma discussão mais aprofundada das representações sociais da presença da mulher na universidade estudada.

### RELAÇÕES DE GÊNERO, DESEMPENHO NO TRABALHO E ASCENSÃO NA CARREIRA

Esta categoria de análise busca desvendar como é o processo de avaliação de desempenho e a projeção da carreira de docentes femininos e masculinos dentro da organização e se este processo tem relação com o gênero. A ascensão na carreira deveria estar ligada ao desempenho individual de cada profissional. No

entanto, estudos realizados nos diferentes setores da economia apontam que existem diferenças na avaliação profissional que acabam por alterar o curso da carreira de diversos profissionais.

Na unidade de análise, a avaliação do desempenho e, especificamente, o processo de ascensão da carreira estão ligados ao gênero. Nos discursos analisados durante a pesquisa realizada na UFLA, percebeu-se que as mulheres necessitam fazer um esforço muito grande para que consigam ser notadas em relação ao seu desempenho, conforme merecem por direito. Também isso é visto em relação à ascensão para posições de comando, como chefia e coordenação de departamentos entre outros cargos administrativos. A pesquisa mostrou que as mulheres, apesar das diferenciações que são feitas em relação ao gênero, estão conseguindo abrir seu caminho e galgar posições de destaque dentro da organização. Hoje na UFLA, há cargos que estão sendo ocupados por mulheres e estes são cargos de destaque. Isto ainda não denota igualdade de condições porque a mulher necessita fazer esforços superiores aos homens para conseguir manter-se na profissão, mas denota que estão ocorrendo mudanças mais profundas na relação gênero e ascensão da carreira no espaço organizacional estudado.

Alguns discursos podem elucidar essas afirmações: "... Não vejo preconceito, acho que a capacidade do indivíduo vale mais, o gênero é irrelevante..." (H1); "... é mais complicado pela dupla jornada, mas não impede, com esforço que se alcance..." (H2); "... não existe diferenciação, pois o departamento é muito aberto, já teve mulheres aqui que assumiram cargos de coordenação..." (H3); "... o homem pode ser relapso, a mulher se é, é porque é incompetente..." (M1); "... não sinto problemas em relação a isso, acho que ambos têm condições... Vejo que aqui no departamento as mulheres conseguem subir na carreira devido ao seu esforço..." (M4)".

Percebeu-se, com base nos discursos, que as diferenças de tratamentos no que se refere ao desempenho e à carreira refletem o processo de mudança que a organização está vivenciando devido à inserção recente da mulher.

A adoção de um discurso comum deve ser analisada com cuidado pois este pode ser usado como mecanismo de difundir uma suposta igualdade de oportunidades e funcionar como barreira para possíveis mudanças. Considerando que a busca pela igualdade de direitos é um princípio básico de fortalecimento da cidadania que pode operar em detrimento das desigualdades entre gêneros e potencializar a capacidade profissional de cada indivíduo, a pesquisa sugere que o reconhecimento das diferenças é o ponto inicial para a realização das mudanças possíveis e necessárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria das representações sociais foi de suma importância para compreendermos como se estabelecem as relações de gênero, dentro da unidade analisada. O enfoque principal na condição da mulher se deu principalmente em função dos discursos e de sua presença recente nesta instituição.

As representações sociais não podem ser reduzidas ao seu conteúdo cognitivo e por isso, precisam ser entendidas no contexto em que são engendradas. Assim, as relações entre os sexos devem ser analisadas como processos simbólicos socialmente construídos. Nesse sentido, a reflexão desse *paper* foi desenvolvida, buscando compreender a complexidade que envolve as relações entre os sexos, de forma a construir ou *des*-construir as relações vigentes em nosso contexto histórico – social – cultural e psicológico.

Partindo da premissa de que homens e mulheres são categorias socialmente construídas, a realidade em que estão inseridos é produzida, como coloca Meyer (2000) "... na e pela linguagem num complexo jogo de poder. Isso quer dizer que o discurso que supostamente descreve ou informa está construindo o social e os sujeitos nele implicados".

Assim, mediante a análise de discurso dos docentes da UFLA, foi possível identificar as representações sociais que estes possuem acerca das relações de gênero. Investigando categorias como família versus trabalho, profissionalização versus gênero, profissão versus gênero e desempenho e ascensão versus gênero, podemos observar que apesar de uma longa jornada de lutas pela igualdade no âmbito das condições profissionais, as mulheres continuam “engatinhando” nesse processo, existe uma representação que foi construída socialmente a respeito de seu papel e para *des*-construí-la, ainda há muito que fazer.

Percebemos que tanto os homens como as mulheres não estão convictas ainda de que existem condições de ambos ocuparem as mesmas posições sem distinção de gênero. As análises dos discursos demonstram que os homens aceitam em parte, porém por vezes fazem restrições a ocupações das mulheres; e as mulheres querem ocupar seu espaço, contudo os preconceitos ainda as deixam culpadas, por terem que abdicar de posições ocupadas até então, como a de cuidar de filhos, casa, marido. Dessa forma, a dupla jornada, tanto falada, é um percalço na condução da profissão das mulheres.

Dada a natureza exploratória deste trabalho, as conclusões acima não podem ser consideradas definitivas e sim estimuladoras de novos estudos sobre o tema. Dentro dessa organização, pode-se fazer um estudo sobre a diferença entre os gêneros em relação à realização de trabalhos científicos; os aspectos familiares influenciadores de professoras que ocupam o cargo de docentes; a diferenciação em relação a gênero dos casais que trabalham na mesma universidade como docentes; bem como outros temas que suscitem interesse.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF. 1994.
- ALVES, B.M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CÁLAS, B. ; SMIRCICH, L. 'Do ponto de vista da mulher : abordagens feministas em estudos organizacionais'. In : CLEGG, S.R. ; HARDY, C. ; NORD, W.R. (orgs.) Handbook de estudos organizacionais. São Paulo : Atlas, 1999. Vol. I, 465p.
- FLEURY, M.T.L. 'O desvendar a cultura de uma organização : uma discussão metodológica'. In : FLEURY, M.T.L. ; FISCHER, R.M. (coord.) Cultura e poder nas organizações. 2.ed. São Paulo : Atlas, 1996.
- GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. Introdução. In: GUARESCHI, P.A.; IZQUIERDO, M.J. Uso y abuso del concepto de género. In. VILANOVA, M. (org.). **Pensar las diferencias**. Barcelona: Universitat de Barcelona; ICD, 1994.
- JODELET, D. **Représentations sociales**: un domaine en expansion. Lês, 1989.
- JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- LOURO, G.L. **Nas redes do conceito de gênero** [on line]. 2000a. Disponível: <http://www.ufrgs/faced/geerge/duvida.html>.
- \_\_\_\_\_. **Gênero e magistério**: identidade, história e representação [on line]. 2000b. Disponível: <http://www.ufrgs/faced/geerge/duvida.html>.
- MATTAR, F.N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1993.
- MEDRADO, B. A masculinidade nos comerciais de televisão. **XX Reunião Anual da ANPOCS**. Caxambu, 1996.
- MEYER, D. E.E. A dúvida como postura intelectual : uma abordagem pós-estruturalista de análise dos estudos de gênero na enfermagem. 2000. Disponível [www.ufrgs/faced/geerge/duvida.html](http://www.ufrgs/faced/geerge/duvida.html)

MINAYO, M.C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.

ORLANDI, E.P. **Discurso e leitura**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

REED, M. 'Teorização organizacional: um campo historicamente contestado'. In: CLEGG, S.R.; HARDY, C.; NORD, W.R. Handbook de estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1998. p. 61-98.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Educação & realidade**. Porto Alegre, v. 20, n.2. jul/dez, 1995.

SITYA, C.V.M. **A lingüística textual e a análise do discurso**: uma abordagem interdisciplinar. Rio Grande do Sul: Ed. da URI, 1995.

SPINK, M.J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.

STRATI, A. **Organizational symbolism a social construction**: A perspective from the sociology of knowledge. Human relations, New York, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

WEIERS, R.M. **Investigación de mercados**. México: Prentice Hall, 1986.